

DA “DECOREBA” À “ENSINAGEM”: AS CONCEPÇÕES DOS GRADUANDOS ACERCA DA AVALIAÇÃO NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UVV

Luciana Pereira Nascimento¹, Marcello Pereira Nunes²

RESUMO

Este estudo traz à comunidade acadêmica informações relevantes em relação ao processo de formação inicial em educação física desenvolvido pelo Centro Universitário Vila Velha/UVV-ES a partir da análise das concepções dos graduandos acerca do processo de avaliação. O objetivo deste estudo é analisar criticamente a concepção que graduandos do curso de educação física/UVV possuem acerca da avaliação desenvolvida nas disciplinas do ensino superior e a sua contribuição para a formação inicial em educação física. Esta pesquisa é um estudo de caso de caráter qualitativo e para coleta de dados utilizou-se de entrevista semi-estruturada, tendo como sujeitos da pesquisa acadêmicos do 7º e 8º períodos do curso de Educação Física do Centro Universitário Vila Velha/UVV-ES. Para análise dos dados tomou-se como base os estudos de COSTA (1997), PIMENTA e ANASTASIOU (2005) que abordam questões pertinentes ao contexto do ensino superior; sobre avaliação os estudos de LUCKESI (1996) e SAUL (1991).

Palavras-chave: educação física; formação profissional; avaliação.

ABSTRACT

This study brings important information to the academic community about the process of initial formation in physical education developed by Centro Universitário Vila Velha/UVV-ES from the analysis of the conceptions of the academics concerning the evaluation process. The objective of this study is to analyze critically the conception that academics of the education physics course of UVV possess about the evaluation developed in them disciplines of superior education and its contribution for the initial formation in physical education. This research is a study of case qualitative and for collection of data it was used of half-structuralized interview, having as academic citizens of the research of 7º and 8º periods of the course of Physical Education of the Centro Universitário Vila Velha/UVV-ES. For analysis of the data base was overcome as the COSTA's studies (1997), PIMENTA and ANASTASIOU (2005) that they approach pertinent questions to the context of superior education; on evaluation the studies of LUCKESI (1996) and SAUL (1991).

Key-words: Physical education, professional formation, evaluation.

INTRODUÇÃO E CAMINHOS DA PESQUISA: EDUCAÇÃO FÍSICA AVALIA?

O interesse pelo tema surgiu por perceber direta relação que a avaliação aplicada nas disciplinas do curso tem com a formação do futuro profissional e sua atuação no mercado de trabalho. Ao se tratar de ensino superior, é importante ressaltar que os conhecimentos avaliados nas disciplinas passarão a fazer parte do cotidiano do futuro profissional, servindo de base para a atuação. Além disso, empiricamente, foi possível observar a complexidade desse tema, diante a diversidade de argumentos de graduandos, em relação ao sentido e ao conceito de avaliação no ensino superior. O foco deste estudo está no processo de avaliação e suas conseqüências na formação acadêmico-profissional em Educação Física, e desta forma, também se apropria de função avaliativa devido ao juízo de valor que visa ter sobre o contexto universitário tendo em vista a avaliação. Entre levantamentos realizados foi possível identificar alguns estudos sobre a avaliação no ensino superior, porém discutindo avaliações institucionais, e por vezes voltados às práticas docentes. Neste contexto, não foram encontradas pesquisas que abordasse a avaliação e sua relação com a formação acadêmico-profissional na perspectiva de acadêmicos. Esta pesquisa se direciona ao processo de formação profissional que ocorre no contexto universitário, tendo como sujeitos desta pesquisa acadêmicos do curso de educação física. O problema de pesquisa que consiste em: Como o processo de avaliação no curso de Educação Física/UVV é percebido pelos graduandos e que contribuições significativas são identificadas nesta relação, durante sua formação acadêmico-profissional? Tendo como objetivo analisar criticamente a concepção que graduandos do curso de Educação Física/UVV possuem acerca da avaliação desenvolvida nas disciplinas do ensino superior e a sua contribuição para a formação inicial em educação física. Este trabalho justifica-se por trazer indicativos qualitativos do processo de formação inicial desenvolvido e

construído pelos docentes e discentes da instituição em que a pesquisa foi realizada. Esta pesquisa é um estudo de caso, que segundo Gil (1996, p.58) “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. E tem caráter qualitativo, pois atribui uma qualidade teórica em sua análise de dados. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada aplicada à acadêmicos de 7º e 8º período do curso de educação física do Centro Universitário Vila Velha (UVV). Esta delimitação deve-se ao fato de que os acadêmicos deste período já possuem uma noção do que seja avaliação, sendo os próximos profissionais a ingressar no mercado de trabalho, já tendo construídos embasamentos teóricos acerca das temáticas abordadas. O critério utilizado para a seleção dos informantes foi a amostragem por grupo, que segundo Gil (1996) é necessário que os selecionados pertençam a um mesmo grupo e a partir daí fez-se uma seleção aleatória entre eles. Os acadêmicos entrevistados foram aqueles que após uma abordagem inicial do entrevistador sobre o tema e esclarecimento da pesquisa, se dispuseram a participar da pesquisa por meio da entrevista. A entrevista foi gravada pelo pesquisador e em seguida transcrita para melhor análise das falas. O fato de gravar a entrevista foi um dos fatores que dificultou a aceitação dos acadêmicos para participar da pesquisa, sendo que esta pesquisa aconteceu com oito acadêmicos dos períodos escolhidos. Porém a entrevista baseada na fala nos traz indicativos importantes que na escrita poderiam ser ocultados pelo entrevistado, assim como abordam os estudos sobre pesquisa qualitativa de Lüdke (1986). Desta forma, mesmo tendo um número reduzido de participantes na pesquisa, e com base nas análises das respostas e apontamentos dos entrevistados identificou-se a linha de pensamento abordada por eles, sendo possível apontar os resultados da pesquisa. Os informantes tiveram suas identidades em sigilo e foram identificados pela seqüência das entrevistas e o número correspondente ao período que cursa. Sobre a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, que segundo Oliveira (1999) busca identificar os principais conceitos ou temas abordados, buscando todos sentidos existentes no texto coletado.

AValiação E O ENSINO SUPERIOR

Diante do problema de pesquisa, é preciso compreender alguns conceitos para a abordagem desta temática, a fim de contextualizar a realidade que se busca investigar com as principais obras que abordam as temáticas envolvidas. Este capítulo busca compreender o contexto universitário abordando suas finalidades e influências a fim de auxiliar a compreensão sobre a universidade que se tem atualmente. Fazendo uma análise do desenvolvimento do ensino superior no Brasil, Brandão (1997) relata os aspectos políticos que envolvem a universidade e que foram vividas no país. Pimenta e Anastasiou (2005) relatam o ensino superior sob seus aspectos mais didáticos, identificando a influência dos modelos jesuítico, francês e alemão no modelo universitário brasileiro. Fazendo uma abordagem da universidade direcionada aos aspectos estruturais educacionais, buscando compreender as raízes que cercam este complexo educacional. Segundo Pimenta e Anastasiou (2005, p.145) no modelo jesuítico, “visava-se à abordagem exata e analítica dos temas a serem estudados, clareza nos conceitos e definições, argumentação precisa e sem digressões”. Ou seja, uma perspectiva tradicional, centrada na pessoa do professor e na transmissão do conteúdo, onde a ação docente consistia em apenas transmitir o conhecimento de forma expositiva “e tinha o recurso da avaliação como controle rígido e preestabelecido. [...] Como resultado, o aluno passivo e obediente, que memoriza o conteúdo para a avaliação, numa estrutura rígida de funcionamento do processo de ensino-aprendizagem” (p.147). Enquanto instituição educativa, “o ensino na universidade, constitui um processo de busca, de construção científica e de crítica ao conhecimento produzido” (PIMENTA e ANASTASIOU, 2005, p.164). Conduzindo o aluno a uma progressiva autonomia na busca do conhecimento, desenvolvendo a capacidade de reflexão. Segundo as autoras, a universidade, enquanto processo de formação profissional deve considerar o processo de aprendizagem como atividade integrada à investigação, onde os alunos tenham sempre autonomia na busca do conhecimento. Deve desenvolver sempre a capacidade de reflexão, propiciando o domínio de um conjunto de conhecimentos de seu campo profissional específico de forma crítica. É necessário que neste contexto, haja a substituição da transmissão de conteúdos pelo processo de investigação do conhecimento, criando e recriando situações de aprendizagem. Sendo necessário que a universidade propicie ao acadêmico um maior envolvimento em seu processo de formação, dando-o condições favoráveis para isso. Porém é necessário ainda que haja interesse por parte dos alunos.

Para entender um pouco mais sobre a avaliação, é necessário compreender a forma de classificação dada por alguns autores. Piletti (2003) e Haidt (2001) fazem uma classificação da avaliação, a partir da sua funcionalidade em determinado momento do processo de ensino-aprendizagem, podendo ser diagnóstica, formativa ou somativa. Conforme os autores, a avaliação diagnóstica acontece num primeiro momento, onde o professor passa a conhecer os alunos, a fim de diagnosticar experiências anteriores dos alunos, saber sobre as questões comportamentais, e identificar quais as necessidades da turma e a partir dela, planejar. Num segundo momento, os autores trazem a função formativa da avaliação, que ocorre ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Com a intenção de identificar as dificuldades encontradas pelos alunos, verificar se os objetivos propostos estão sendo alcançados, identificar deficiências no planejamento, saber como está o rendimento da aprendizagem, para re-planejar e/ou direcionar as práticas pedagógicas. No terceiro momento, verifica-se a função da avaliação é dita como somativa, buscando observar comportamentos globais, socialmente significativos, verificar e determinar conhecimentos adquiridos e, se possível, dar um certificado classificatório. Esta acontece no fim do processo de ensino-aprendizagem, a fim de verificar o aproveitamento durante um determinado período. Piletti (2003) e Haidt (2001) destacam seus conceitos. Piletti (2003) trata a avaliação como parte de um processo que visa a constatação de avanços do aluno, e inclusive do professor, abordando o processo de aprendizagem como um todo, e que acontece de forma mútua. Haidt (2001) ressalta que a avaliação é mútua uma vez que, se o aluno consegue aprender, é porque o professor consegue ensinar. Desta forma, a avaliação traz ao professor indicativos de como orientar e reorientar a prática pedagógica. E nesta discussão é necessário entender a avaliação como um meio e não um fim, e que busca avançar no processo de aprendizagem, como explica Luckesi (1996):

A avaliação educacional, em geral e a avaliação da aprendizagem escolar, em particular, são meios e não fins em si mesmas, estando assim delimitadas pela teoria e pela prática que as circunstancializam. Desse modo, entendemos que a avaliação não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação, traduzido em prática pedagógica (LUCKESI, 1996, p.28).

Haidt (2001) relata que a avaliação muitas vezes é vinculada à idéia de atribuição de notas para passar de ano principalmente por alunos que não têm a compreensão do sentido da avaliação na aprendizagem. Restringindo-a ao ato de medir o conteúdo que foi passado ao aluno em forma de memorização, tratando o aluno como objeto, passivo e receptivo de conhecimento. E neste contexto vale ressaltar que a avaliação “[...] não se reduz apenas a atribuir notas. Sua conotação se amplia e se desloca, no sentido de verificar em que medida os alunos estão alcançando os objetivos propostos para o processo ensino-aprendizagem” (HAIDT, 2001, p. 286). Desta forma, identificamos a avaliação como parte de um processo singular e particular dos indivíduos participantes do processo ensino-aprendizagem. Luckesi (1996, p.33) conceitua avaliação como “um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão” (L. 1978). Neste sentido, o juízo de valor é o aspecto qualitativo a ser dado à determinada ação ou objeto, que parte de critérios pré-estabelecidos. Onde o estado satisfatório se dá quando o objeto se encontra o mais próximo dos critérios definidos. Mas este julgamento é feito com base no objeto de avaliação, deixando de ser tão subjetivo, pois é limitado pela qualidade esperada do objeto. Neste sentido, as características e as finalidades dos objetos é que irão determinar o juízo de valor que será aplicado aos mesmos. Conduzindo então para uma tomada de decisão sobre o objeto avaliado, sendo que esse é o momento da avaliação que mais depende do professor. Nesta perspectiva identifica-se o paradigma de uma avaliação ‘emancipatória’, abordada por Saul (1991):

A avaliação emancipatória caracteriza-se como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la. [...] visando provocar a crítica, de modo a libertar o sujeito de condicionamentos deterministas [...] fazer com que as pessoas direta ou indiretamente envolvidas [...] escrevam a sua “própria história” e gerem as suas próprias alternativas de ação (SAUL, 1991, p.61).

Assim, a avaliação emancipatória ao pretender atingir os objetivos do ato educativo necessita estar envolvida em decisões democráticas, acrescidas de senso crítico. A avaliação emancipatória é caracterizada por três momentos, sendo eles a descrição da realidade, a crítica da realidade e a criação coletiva. A *emancipação* indica a consciência crítica de determinada situação e a cogita alternativas de solução para a mesma. Neste paradigma encontram-se conceitos básicos além da emancipação, como a *decisão democrática* onde há um envolvimento responsável e conjunto dos participantes na tomada de

decisão; a *transformação*, que consiste nas mudanças coletivamente identificadas como necessárias, estando em conformidade com os compromissos sociais e políticos assumidos por todos envolvidos; e a *crítica educativa* que apresenta uma análise individual dos participantes em relação ao contexto que se insere, sem assumir parâmetros a serem comparados. Baseando-se na análise do processo, visando reorientá-lo.

Ao tratar de ensino superior é importante ressaltar que existe uma diferença imediata com o contexto escolar, uma vez que neste os alunos que mencionamos são crianças e já no contexto universitário é o adulto e a partir daí é que surge a 'andragogia'. Sendo esta questão de tamanha importância no ambiente universitário, destaco alguns estudos sobre o ensino para adultos, que para Knowles (*apud* COSTA, 1997, p.31) consiste na "arte de ciência que ajuda adultos a aprender". Diante desta temática, e entre levantamentos ressalto a escassez de material desenvolvido e publicado. Neste contexto, serão identificados alguns elementos pertinentes a qualquer processo de ensino-aprendizagem, que é a relação entre professor, aluno e o conhecimento. Costa (1997) diz que a andragogia consiste em auxiliar o aprendizado do adulto, onde o professor apenas auxilia o adulto na a construção de novos conhecimentos. Assim como Nérici (1993) afirma que a universidade muitas vezes desconsidera a condição de adulto dos alunos, Silva Filho (*apud* COSTA, 1997, p.31), afirma que "ao desconsiderar as características adultas de sua clientela, o ensino superior universitário tem-se pautado pelos conceitos e métodos de educação tradicional de crianças" seguindo então os preceitos da pedagogia. Pautando-se na andragogia, Cornejo (*apud* COSTA, 1997, p.38), afirma que a aprendizagem parte do planejamento, havendo participação e aprendizagem por problemas reais. Promovendo o aprendizado através da experiência, fazendo com que a vivência estimule e transforme o conteúdo, incentivando a assimilação. Desta maneira professor e aluno determinam objetivos para o processo de aprendizagem por meio de investigações e estudos independentes. Segundo Costa (1997, p.35) "a aprendizagem, [...] deve centrar-se na reflexão e criticidade, visando contribuir para interpretar os problemas da conjuntura vivenciada, gerando criatividade a produção original de generalização, conceitos e teorias". Centrados na autonomia e responsabilidade sobre o próprio desenvolvimento do conhecimento, condição esta, própria do adulto. Apontando os desafios a serem superados pelos docentes em busca de um avanço qualitativo no processo de ensino-aprendizagem. O desafio encontra-se em superar um modelo centrado na fala do professor e na acumulação de conteúdos por parte dos alunos em direção a uma nova construção da sala de aula, em que haja tanto a fala científica quanto a ação e a visão da realidade que o aluno, como futuro profissional, terá que dar conta. O paradigma tradicional, professor palestrante e aluno ouvinte, está em nosso cotidiano, devido às nossas vivência enquanto alunos. Numa aula tradicional, o professor expõe determinado assunto que julga necessário ao aluno e este, simplesmente tem a função de anotar e apreender o que é passado no momento da aula, resumindo assim o ato de ensinar. Porém, "a ação de ensinar não se limita à simples exposição dos conteúdos, mas inclui a necessidade de um resultado bem sucedido daquilo que se pretendia fazer." (PIMENTA e ANASTASIOU 2005, p. 206). Neste sentido, o autor aponta uma necessidade de superação deste paradigma, trazendo um novo paradigma determinado de *ensinagem*. Na *ensinagem*, a ação de ensinar define-se na relação com a ação de aprender, pois o ensino desencadeia da ação de aprender. Neste processo, a aula não deve ser assistida e nem dada, mas construída pela ação conjunta entre professores e alunos.

Para que tal processo se efetive com a parceria e a colaboração do aluno, é importante o estabelecimento de uma relação contratual na qual ambos, professor e aluno, terão responsabilidades na conquista do conhecimento. A esse compartilhado de trabalhar os conhecimentos, no qual concorrem conteúdo, forma de ensinar e resultados mutuamente dependentes, é que estamos denominando de *processo de ensinagem* (PIMENTA e ANASTASIOU, 2005, p.214).

O papel do professor será, de desafiar, estimular e ajudar os alunos na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem que atenda a uma necessidade deles. Auxiliando-os na tomada de consciência das necessidades apresentadas socialmente a uma formação universitária. Porém "isso só se fará num clima favorável à interação, ao questionamento, à divergência, adequado para processos de pensamento críticos e construtivos" (p.215). Cabe então ao docente propiciar este ambiente e essa relação com seus alunos, ampliando seu papel de professor. Estabelecendo vínculos do conteúdo a ser desenvolvido em sala de aula, de forma a se tornar significativo para o aluno; a problematização dos conteúdos e a ação dos sujeitos sobre o objeto de estudo. Ensino e aprendizagem constituem unidade dialética no processo, caracterizada pelo papel condutor do professor e pela auto-atividade do aluno.

Onde o aluno e os conteúdos ficam frente a frente mediados pela ação do professor, que produz e dirige as atividades e as ações necessárias para que os alunos desenvolvam processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento. Neste sentido a avaliação é mútua e recíproca, em que professor e aluno estabelecem contratos a serem cumpridos em função da aprendizagem. “A avaliação ganha relevo porque o mais importante em termos de andragogia é o conhecimento, pelo adulto, da sua própria aprendizagem” (COSTA, 1997, p.48). Desta forma, segundo os autores há possibilidades de utilização de uma prática avaliativa com enfoque qualitativo no ensino superior, uma vez que existe cumplicidade entre adulto e conhecimento. Deixando para o professor o papel de mediador do processo de aprendizagem do aluno. Como professor é preciso fornecer-lhes meios para que ocorra a aprendizagem recriando espaços de trocas. Ao se tratar da função do professor no processo de ensino-aprendizagem, observa-se uma intervenção entre educadores e educandos, numa ação educativa voltada à autonomia. Sendo necessária, à medida em que se inicia com a criança e contempla o jovem e o adulto, oferecendo a eles condições de se tornarem fortes e resistentes.

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir a afirmação várias vezes feita neste texto - o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito a autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (FREIRE, 2003, p.59).

Dessa forma, colabora-se para o desenvolvimento das habilidades do educando, priorizando suas atividades enquanto cidadãos numa realidade concreta. Para tanto, é importante que se atribua um significado aos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, para que o educando tenha maiores possibilidades de aprendizagem. Tornando real o paradigma da “ensinagem”. Ao analisar o projeto do Curso de Educação Física esporte e lazer da UVV (CEFEL-UVV), observou-se a concepção de uma avaliação enquanto elemento fundamental do processo pedagógico. E identificou-se algumas características apontadas a seguir. O projeto adota uma perspectiva muito além do medir/mensurar o rendimento do aluno, tendo em vista que a avaliação tem a função de fornecer subsídios para reorientar todas as ações educativas. Que visa contemplar todas as atividades desenvolvidas na práxis pedagógica, dos sujeitos envolvidos. Tomando como perspectiva teórica a concepção da avaliação formativa, que é “toda prática de avaliação contínua que pretende contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino” (PERRENOUD, 1999, p. 78 *apud* CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA VELHA, 2007, p. 56). A fim de colocar em prática estes conceitos e estudo, o curso de educação física utiliza diversos instrumentos de avaliação (provas, resenhas, seminários, atividades práticas, etc.), de acordo com a especificidade de cada disciplina. Entende-se que provas, testes atribuição de notas ou conceitos são apenas parte do processo avaliativo. O regimento interno da UVV norteia o sistema de avaliação do curso de Educação Física. Neste sentido, há uma orientação para atribuir um percentual de 70% do valor da nota à produção individual e 30% à produção coletiva. Após a aplicação, todas as avaliações são resolvidas em sala pelo professor, para dar um retorno consistente ao aluno do seu resultado no processo de aprendizagem. Desde o primeiro período, os alunos são estimulados a participarem nas aulas com a produção e apresentação de trabalhos, por meio dos quais também são avaliados. Neste sentido, identifica-se a preocupação em estar levando a avaliação além do simples ato de aplicar provas e adquirir notas, considerando-a como parte do processo de ensino-aprendizagem que possibilita identificar novos caminhos para a prática de ensino. Vale ressaltar que é exigência da instituição a obediência de alguns critérios quantitativos em todas as disciplinas, a fim de obter registros sobre os alunos.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: AS CONCEPÇÕES DOS GRADUANDOS

Para coleta dos dados, utilizou-se de entrevista semi-estruturada e que foi gravada pelo pesquisador, abordando as seguintes temáticas: 01) O que você entende por avaliação?; 02) Para você, como o aluno deve se inserir no processo de formação acadêmico-profissional? Qual a importância da participação dele neste processo?; 03) Como você pensa a universidade?; 04) A avaliação das disciplinas do curso contribui para sua formação?.

Com base nos dados coletados identificou-se várias abordagens sobre o conceito de avaliação. Sendo associada à medida, que consiste na identificação da quantidade de vezes que o aluno obtém determinado padrão. Conforme as falas: “Avaliação é pra detectar o nível de conhecimento de cada

aluno". (Informante 01₈). "Avaliação é o professor verificando o que o aluno aprendeu durante o processo de troca de informações que teve na sala". (Informante 07₈) Desta forma, identifica-se que mesmo com a abordagem de avaliação que o curso busca colocar em prática, de uma avaliação que vai além do ato de mensurar o rendimento do aluno, existem alguns alunos que identificam a avaliação como momentânea e que busca a verificação de conteúdos. É possível identificar na fala de parte dos alunos, uma relação da avaliação com notas e resultados. "É o resultado de todo um processo de uma disciplina, de um bimestre, do semestre". (Informante 05₈). "É um processo contínuo, que você vai ter um produto final [...] a somatória de tudo aquilo que eu aprendi". (Informante 08₇). Até porque, durante muito tempo estes eram tratados como sinônimos. Porém, devido ao crescimento das produções acerca da avaliação, os autores tratam estes como parte das práticas avaliativas. Sendo a nota uma forma de expressão quantitativa da avaliação realizada. Ao ser associada à desempenho e objetivos, a avaliação passa a ser identificada como instrumento de controle de qualidade da aprendizagem e das modificações e progressos que ocorreram (ou não) durante determinado processo. Ainda indicando aos aspectos quantitativos. Levando em consideração estudos que identificam a avaliação como processo de juízo de qualidade aplicado à determinada ação, e que visa uma tomada de decisão, identificamos as falas a seguir: "Avaliação é um método de você conhecer seu aluno pra você poder dar alguma coisa pra ele". (Informante 02₈). "Avaliação pra mim é a interpretação de dados crus". (Informante 03₇). "É a forma que o professor olha os seus alunos e a maneira que ele encontra para poder usufruir das atividades com os alunos e ter o melhor aproveitamento possível". (Informante 04₇). "Avaliação é um processo para fazer você refletir a sua prática. [...] É um processo contínuo, não é simplesmente o ato de fazer uma prova, mas sim um ato dentro de um contexto mais geral do que simplesmente uma prova". (Informante 06₈). Diante destas, é possível observar que os graduandos associam a avaliação como processual e que implica no juízo de qualidade sobre dados relevantes de determinado contexto. Em contrapartida parte dos graduandos apontam a avaliação em sua concepção mais antiga. Associando-a aos seus aspectos quantitativos de forma isolada. Em relação à segunda questão abordada, vale ressaltar que a auto-avaliação pode ser definida como um instrumento avaliativo complexo, uma vez que o juízo de valor parte do próprio indivíduo que está sendo avaliado. E para realizar este tipo de avaliação é necessário que haja um amadurecimento e consciência crítica das ações. Devido ao fato desta pesquisa estar relacionada ao contexto universitário e o grupo de amostragem pertencer aos períodos terminais da graduação é que se identificou a possibilidade de verificar como os graduandos auto-avaliam sua participação no processo de formação acadêmico-profissional. Conforme estudado nos capítulos anteriores, existem diferenças significativas entre a 'pedagogia' e a 'andragogia', principalmente pelo fato de que os sujeitos neste, são adultos e a relação da aprendizagem se dá com o conhecimento, e não na figura do professor. Os argumentos dos graduandos ao realizar esta auto-avaliação, trazem importantes indicativos. Todos indicam que o aluno na universidade deve participar de forma ativa durante seu processo de formação. Parte dos graduandos indica que esta participação deve acontecer durante as aulas no sentido de acumular maior parte de conteúdos possível que seja pertinente a sua atuação. Como dito a seguir: "ele tem que participar com tudo não pode ter moleza, não pode ter preguiça, tem que estudar porque é a formação dele". (Informante 01₈). "ele tem que participar nas aulas, porque isso lá fora depois vai tá ele vai tá lembrando dessas aulas". (Informante 02₈). "O aluno, ele deve participar, [...] porque na vida profissional dele, no dia a dia quando ele se formar ele vai precisar disso. Senão ele vai ficar totalmente perdido". (Informante 03₇). Neste sentido, observa-se a associação da formação apenas com a sala de aula e conteúdos que são trazidos pelos professores, tratados como técnicas que devem ser aplicadas no contexto profissional. Outro aspecto observado em algumas falas foi a necessidade do aluno estar se dedicando também fora da sala de aula, aprofundando estudos. "o aluno tem que buscar pesquisar outras vertentes para saber o que é mais correto, para aquele contexto em que ele está inserido". (Informante 06₈). "O aluno... ele deve ter 100% de comprometimento durante o processo ou o máximo que ele conseguir, mas buscando sempre ter o olhar dele sobre o que o professor fala, não aceitar todo tipo de informação que vem pra ele durante as aulas. [...], ele deve procurar em outros locais, outros livros, outros autores, ou buscar outros professores, juntar as duas coisas e ver o que ele acha que é o melhor pra ele". (Informante 07₈). "estar buscando o conhecimento. [...] tem que correr atrás, ir pra biblioteca, pegar novas fontes, experimentar novas experiências, novos conceitos, [...] Porque se depender somente daquilo que você aprende dentro da sala de aula, [...] você não consegue ter uma assimilação legal". (Informante 08₇). Neste contexto, observa-se que mesmo tendo a visão de que os graduandos precisam ser ativos em seu processo de formação, ainda identifica-se a preceitos pedagógicos no contexto universitário. Onde o conhecimento centra-se no professor, e é tratado de

forma estática, e o aluno é quem busca o mesmo. De acordo com paradigmas andragógicos, o processo de aprendizagem deve partir das experiências e de vivências dos acadêmicos. E estes devem participar até mesmo do processo de planejamento das aulas e dos conteúdos a serem abordados. Contudo, não devemos descartar a idéia de que a participação do aluno é essencial para o processo de formação profissional. Mas deve-se levar em consideração que o graduando, juntamente com o docente é que devem buscar e construir os conteúdos pertinentes à atuação. De forma que se tornem cúmplices do 'processo de ensinagem', abordado por Pimenta e Anastasiou (2005). Além de considerar a importância de construir as aulas e conteúdos baseados na reflexão e na criticidade. E neste sentido, identifica-se nas falas dos graduandos que a participação deles no processo de formação é essencial para a concretização de uma formação de qualidade e crítica. Seja a participação nas aulas, seja fora e após as mesmas. Em relação à terceira questão que aborda a universidade, devemos destacar que, no decorrer da sua história e existência, sempre teve influências políticas e econômicas que por vezes acarretaram mudanças significativas em seus objetivos, funções e finalidade. Logo em seu surgimento, o objetivo era de que parte da população tivesse a oportunidade de experimentar um pouco de conhecimento científico. Com o passar dos anos, e de acordo com as necessidades do Estado, a universidade passou a destinar seus cursos à formação profissionalizante tendo em vista a formação de burocratas e profissionais liberais para o Estado. Em outro momento histórico, a universidade destinava seus objetivos à produção de conhecimento científico, a fim de estrutura a autonomia nacional como saída para a revolução tecnológica. As concepções de alguns graduandos tratam da universidade como um curso profissionalizante, como local em que se concentram os conhecimentos pertinentes à profissão. Nas falas dos graduandos, identificou-se: *"a universidade é como se fosse um curso profissionalizante [...] pra ele seguir a carreira dele". (Informante 01₈).* *"Universidade é um local em que tem vários saberes". (Informante 03₇).* *"A universidade pra mim é um lugar onde as pessoas constroem saberes. E a formação em si dentro da universidade ela é contínua". (informante 04₇).* *"é na universidade atualmente que eu busco os livros, as informações que eu preciso para atuação profissional. [...] é o local mais fácil para você ter qualquer tipo de discussão com qualquer tipo de profissionais de todas áreas." (Informante 07₈).* Outras falas identificam a universidade como um local de descobertas, em que o aluno irá se direcionar para a atuação profissional: *"É onde você se descobre, você vê sua potencialidade. Você se descobre. Qual caminho você quer, se é aquilo realmente que você quer, se você se enquadra naquele perfil que você escolheu". (Informante 05₈).* *"Você sai da faculdade para se tornar profissional, você que tem que saber, e você vai saber do caminho a partir da universidade, do contexto que você está inserido na universidade. Daí que você vai descobrir seu foco, sua idéia, e vai criar o seu caminho, sua personalidade profissional". (Informante 06₈).* Neste sentido, a universidade passa a contribuir não somente para a aquisição de conteúdos técnicos, mas para formação do indivíduo em sua totalidade. Assumindo, portanto, seu papel na sociedade. E neste contexto, observa-se que os acadêmicos identificam estas concepções e compreendem a universidade enquanto processo de formação acadêmico-profissional em seus aspectos mais ampliados. No que diz respeito à quarta questão abordada, em relação às contribuições da avaliação cabe dizer que de forma geral, os estudos sobre o processo de ensino-aprendizagem relatam a importância e as contribuições de cada fase do planejamento e execução que o compõem. A literatura nos traz indicativos sobre as contribuições da avaliação no processo de aprendizagem. E no caso do ensino superior se faz extremamente importante por se tratar da formação profissional do graduando. A partir das entrevistas realizadas com graduandos do curso de educação física da UVV, identificamos que parte dos graduandos identifica contribuições da avaliação no processo de formação, centralizando nas ações do professor. Como a seguir: *"Contribui porque os professores têm várias formas de avaliação[...] pra detectar o nível de conhecimento de cada aluno". (Informante 01₈).* *"Aprendendo e passando bastante [é...] aprendizagem assim pra mim. [...] com o professor eu vou tá aprendendo muita coisa sim". (Informante 02₈).* *"Em algumas matérias sim, em outras não. Porque cada professor tem um modo de avaliar seus alunos. Em algumas avaliações eu me identifiquei outras eu não gosto muito. Não tive um bom aproveitamento". (Informante 04₇).* Vale ressaltar que cada disciplina possui sua especificidade e, portanto, não podemos querer que se apliquem os mesmos instrumentos avaliativos em todas disciplinas. Na última fala, o graduando resume boas práticas avaliativas à sua identificação com a mesma, não levando em consideração a especificidade das disciplinas. Uma fala que acredito ser relevante, e retrata falas implícitas feita por outros graduandos. Devido ao conceito de avaliação e a identificação da sua contribuição para o processo de aprendizagem. *"Avaliação é o professor verificando o que o aluno aprendeu durante o processo de troca de informações que teve na sala. [...] Ela me dá um feedback do que eu aprendi. [...], mas os processos de avaliação são*

falhos [...] E eu acho que algumas avaliações são mais válidas para a gente aprender do que pra ter o feedback do conteúdo”. (Informante 07₈). Devido ao conceito ainda pautado na verificação de conteúdos, este graduando demonstra não compreender como intencionais que os aspectos que foram relacionados ‘outras contribuições’ da avaliação. Uma pequena parte dos informantes afirmou a pouca contribuição da avaliação devido ao sistema que é utilizado atualmente. *“Acho que a avaliação deveria ser mais crítica. Esse sistema de notas aí é muito frio. [...] É muito momentâneo”.* (Informante 03₇). *“às vezes o aluno fica só preocupado com nota [...] e a avaliação acaba perdendo aquele glamour que ela tem de poder estar verificando o que você aprendeu”* (Informante 08₇). Desta forma, identificam a avaliação que é desenvolvida atualmente apenas como a nota, que é um parâmetro necessário à todas as disciplinas, porém não é o único abordado durante as disciplinas. Em contrapartida, estes graduandos conseguem identificar possibilidades de qualificar o processo de aprendizagem, pautando-se na criticidade, conforme explicitado acima. Uma fala retrata alguns estudos sobre avaliação quando aborda a questão de que muitas vezes o aluno não tem conhecimento da prática avaliativa do professor. *“Depende da disciplina, mas a maioria delas é uma avaliação sem critérios [...] tem um embasamento, que é um embasamento do professor, o professor não passa isso pro aluno. O aluno não sabe como ele está sendo avaliado”.* (Informante 06₈). Neste sentido, há um distanciamento do processo de ensinagem que propõe a literatura, uma vez que o aluno passa a ser passivo na prática avaliativa e conseqüentemente no processo de aprendizagem. Uma fala mostra que a formação acadêmico-profissional depende do aluno, independente do tipo de avaliação que participa durante o curso. *“No geral contribui sim, mas eu sempre acreditei que a formação depende do aluno. [...] De repente ele não é avaliado bem numa disciplina, mas numa outra tem desempenho melhor. Isso não quer dizer que ele vai ter uma má formação”.* (Informante 05₈). Neste sentido, há um distanciamento das contribuições do processo de ensinagem à formação profissional, já que a mesma depende do aluno, independente de sofrer ou participar da prática avaliativa, a formação será de acordo com o aluno, com a forma que ele se adequar à avaliação desenvolvida pelo professor. Identificando o processo de formação como algo além das disciplinas, de maneira mais ampliada. Contudo, de modo geral, identifica-se que o aluno entende a avaliação como uma prática isolada e momentânea do processo de aprendizagem, centrando-se em notas. E que deixa o aluno à margem deste processo, uma vez que é centralizada ainda na ação do professor. Neste contexto, os graduandos identificam contribuições da avaliação das disciplinas, seja para verificação de conteúdos ou em contribuições ditas como paralelas à avaliação.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, J. E. de A. A evolução do ensino superior brasileiro: uma abordagem histórica. In: MOREIRA, D. A. (Org.). Didática do ensino superior: técnicas e tendências. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1997. p.3-59.
- CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA VELHA. Projeto do curso de educação física, esporte e lazer. Vila Velha, 2007.
- COSTA, V. L. de M. Formação universitária do profissional de educação física – a discussão sobre a andragogia. In: COSTA, V. L. de M. Formação profissional universitária em educação física. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1997. p. 19-49.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- HAIDT, R. C. C. Curso de didática geral. São Paulo: Ática, 2001.
- LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- NÉRICI, I. G. Didática do ensino superior. São Paulo: Ibrasa, 1993.
- OLIVEIRA, S. L. Tratado de metodologia científica. São Paulo: Pioneira, 1999.
- PILETTI, C. Didática geral. 23.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- PIMENTA, S. G. ANASTASIOU, L. das G. C. Docência no ensino superior. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SAUL, A. M. Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

¹ Rua Dois Irmãos, nº47, aptº 101, Campo Grande – Cariacica/ES – CEP.: 29.146-020;
e-mail: lucianapnascimento@hotmail.com; Tel.: (27)8146.5598 / 9993.7542; Centro Universitário Vila Velha/ES.

² e-mail: marcellonunes@uvv.br; Tel.: (27)9989.3736; Centro Universitário Vila Velha/UUVV-ES